

EMBARGO:

Não publicar nem distribuir antes das 21 00 GMT(22 00 CET) do dia 19, terça-feira, janeiro de 2016

Perspectivas do Emprego e das questões Sociais no Mundo

Sumário executivo

Tendências 2016

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO

DEPARTAMENTO DE INVESTIGAÇÃO

Sumário executivo

A economia global está a mostrar novos sinais de debilidade...

Estima-se que a economia mundial tenha tido um crescimento de 3,1 por cento em 2015, mais de meio ponto percentual abaixo da projeção para o ano passado. Se as respostas políticas atuais se mantiverem, as perspetivas são de contínuo enfraquecimento económico, colocando assim desafios significativos às empresas e aos trabalhadores. Com efeito, nos próximos dois anos, prevê-se que a economia mundial cresça apenas cerca de 3 por cento, significativamente menos do que acontecia antes do surgimento da crise global.

O abrandamento económico é influenciado pela debilidade dos países emergentes e em desenvolvimento. A China está a enfrentar um abrandamento significativo. Este facto, juntamente com nova oferta e outros fatores, contribuiu para um declínio acentuado nos preços das mercadorias (*commodities*), especialmente relacionadas com a energia. Isto por sua vez afetou muito as economias emergentes exportadoras de mercadorias (*commodities*), como o Brasil e a Federação Russa, que já entraram num período de recessão. Os benefícios líquidos obtidos pelos importadores líquidos de mercadorias (*commodities*) não foram suficientes para compensar o declínio que afeta os exportadores. Outro sinal de debilidade económica é o facto de que o comércio global, que normalmente se tinha expandido duas vezes mais rapidamente do que a economia global, agora está a crescer ao mesmo ritmo ou a um ritmo inferior ao do crescimento global.

... elevando o desemprego para cima dos 197 milhões em 2015...

O enfraquecimento da economia causou um aumento na taxa de desemprego global. Em 2015, o desemprego atingiu 197,1 milhões de pessoas atingindo quase 1 milhão a mais do que no ano anterior e mais de 27 milhões acima dos níveis anteriores à crise. Este aumento do número de pessoas à procura de emprego em 2015 vem principalmente de países emergentes e em desenvolvimento. As perspetivas de emprego em alguns destes países deverão agravar-se nos próximos meses, nomeadamente na América Latina, bem como nalguns países da Ásia (especialmente a China) e num número de países exportadores de petróleo na região árabe.

Nas economias mais avançadas 2015 ficou marcado por superar o crescimento do emprego previsto, especialmente nos Estados Unidos e em alguns países da Europa Central e do Norte. Apesar das melhorias recentes, as taxas de desemprego permanecem elevadas no Sul da Europa. E o desemprego tende a aumentar nas economias avançadas mais expostas ao abrandamento registado nas economias emergentes da Ásia.

... e tornando cada vez mais vulneráveis os empregos existentes.

A baixa qualidade dos empregos continua a ser um assunto premente em todo o mundo. A incidência de emprego vulnerável – a parte do trabalho por conta própria e trabalho familiar não remunerado, categorias de trabalho normalmente sujeitas a níveis elevados de precariedade – está com uma descida menor do que a que se verificava antes do início da crise global. O emprego vulnerável é responsável por 1,5 mil milhões de pessoas, ou mais de 46 por cento do emprego total. No Sudeste Asiático e na África Subsaariana, mais de 70 por cento dos trabalhadores encontram-se em emprego vulnerável.

Além de terem acesso limitado aos regimes de proteção social contributivos, os trabalhadores vulneráveis enfrentam baixos níveis de produtividade e rendimentos baixos e altamente voláteis. Também existem disparidades de género significativas na qualidade do emprego. As mulheres enfrentam um risco entre 25 a 35

EMBARGO:

Não publicar nem distribuir antes das 21 00 GMT(22 00 CET) do dia 19, terça-feira, janeiro de 2016

por cento mais elevado de ocuparem um emprego vulnerável do que os homens em certos países do Norte de África e África Subsaariana e nos Estados Árabes.

A perspetiva é de um novo aumento do desemprego em cerca de 3,4 milhões nos próximos dois anos...

Prevê-se que o abrandamento económico global em 2015 tenha um impacto desfasado nos mercados de trabalho em 2016, resultando num aumento dos níveis de desemprego em particular nas economias de mercado emergentes. Com base nas mais recentes projeções de crescimento, o desemprego global deverá subir quase 2,3 milhões em 2016 e mais 1.1 milhão em 2017.

Prevê-se que as economias emergentes terão um aumento no desemprego de 2,4 milhões em 2016. Isto reflete em grande parte as perspetivas do agravamento dos mercados de trabalho nas economias emergentes da Ásia, América Latina e produtores de mercadorias (*commodities*), nomeadamente na região Árabe e África.

Nas economias avançadas, o número de desempregados deverá diminuir ligeiramente, sendo compensando apenas marginalmente com o aumento nas economias emergentes. Em muitos países europeus o desemprego permanecerá perto de picos históricos. Nos Estados Unidos e noutras economias avançadas, onde o desemprego irá cair para taxas pré-crise, as perspetivas são de manutenção ou aumento do subemprego. Dependendo da economia, esta questão acarreta modalidades de trabalho temporário ou a tempo parcial involuntário e taxas de atividade mais baixas, especialmente entre as mulheres e os jovens.

... e para um progresso mais lento na redução do emprego vulnerável, que atingirá 1,5 mil milhões até 2016...

Prevê-se que nos próximos anos a percentagem de emprego vulnerável global permaneça em cerca de 46 por cento. O desafio será particularmente mais grave nas economias emergentes, onde o número de trabalhadores vulneráveis se prevê que aumente cerca de 25 milhões nos próximos três anos.

... levando a uma pausa no crescimento da classe média e em alguns casos à intensificação dos riscos de agitação social...

Nas economias emergentes, a dimensão da classe média (com níveis de consumo diário, variando entre \$5 e \$13 dólares dos EUA, em termos de paridade do poder de compra) aumentou 36 por cento do total da população em 2011 para apenas cerca de 40 por cento em 2015. Nos próximos anos, prevê-se que a tendência para um aumento na dimensão da classe média abrande ou mesmo cesse. Entre as economias em desenvolvimento, espera-se que a proporção da classe média aumente, mas menos do que aconteceu em anos recentes. O relatório aponta para novos riscos de agitação social associados a um crescimento mais lento nas economias emergentes e em desenvolvimento. Nesses países, o crescimento mais lento e a decepção relativamente ao acesso à qualidade de vida da classe média pode alimentar o descontentamento social.

A melhoria da situação do mercado de trabalho nas economias avançadas é limitado e apresenta desigualdades, e em alguns a classe média tem vindo a diminuir em consequência de várias medidas. A desigualdade de rendimento, medida pelo índice de Gini, aumentou significativamente nos países mais avançados do G20. Enquanto os rendimentos de topo continuam a aumentar, verificou-se uma tendência para os rendimentos dos 40 por cento das famílias mais pobres diminuírem para valores inferiores aos do início da crise global.

... adiando os esforços para reduzir ainda mais os trabalhadores pobres...

Os progressos, em termos de qualidade de emprego, para os que auferem rendimentos mais baixos também estagnaram. Em 2015, cerca de 327 milhões de pessoas com emprego viviam em pobreza extrema (aqueles que vivem com menos de \$1,90 dólares EUA por dia em termos de paridade do poder de compra) e 967 milhões em pobreza moderada e quase pobreza (entre \$1,90 dólares EUA e \$5 dólares EUA por dia em termos de paridade do poder de compra). Isto representa uma redução significativa da pobreza extrema em relação a 2000, em termos de números, mas as melhorias têm sido mais limitadas desde 2013 (especialmente nos países menos desenvolvidos). Contudo, o número de pessoas empregadas em pobreza moderada e quase pobreza aumentou desde 2000. Finalmente, elementos provenientes de outras fontes sugerem que os trabalhadores pobres estão a aumentar na Europa.

... e complicando as tarefas de aumentar o crescimento e dar resposta aos desafios demográficos.

Quando há falta de empregos dignos, mais trabalhadores podem desistir de procurar trabalho. Em 2015, o número de indivíduos em idade ativa, que não participou no mercado de trabalho aumentou cerca de 26 milhões até atingir mais de 2 mil milhões. Prevê-se que as taxas de atividade estabilizem em 62,8% da população em idade ativa global (com 15 ou mais anos), mas a seguir se verifique uma tendência moderada para decair para 62,6 por cento até 2020 e diminua ainda mais nos anos para além deste horizonte. Prevêem-se taxas de atividade estáveis apenas nas economias em desenvolvimento, tendo em conta que nas economias desenvolvidas e emergentes existe uma maior probabilidade para maiores declínios nas taxas de atividade. Quanto a este aspeto, a migração é um importante mecanismo para equilibrar a oferta e a procura no mercado de trabalho entre os países. A recente onda de refugiados na Europa do Norte, do Sul e Ocidental aponta para a necessidade de facilitar a sua entrada no mercado de trabalho de forma mais rápida e eficaz possível. A longo prazo, o afluxo de migrantes ajudará a combater o défice de competências em determinadas áreas e atenuar os riscos associados à estagnação de carácter estrutural.

O crescimento atual lento da economia global e a perspetiva de menor crescimento a longo prazo decorre de muitas causas, mas o declínio na população em idade ativa e as taxas de atividade, bem como a desigualdade crescente, o emprego vulnerável e a pouca qualidade dos empregos, anteriormente referidas, são fatores importantes.

Enfoque político na quantidade e qualidade dos empregos e combate à desigualdade de rendimentos é fundamental

A necessidade de enfrentar estas tendências de longo prazo implica urgência para mudanças na economia e políticas de emprego defendidas pela OIT. É particularmente importante reforçar os aspetos institucionais do mercado de trabalho e sistemas de proteção social bem concebidos a fim de evitar novos aumentos no desemprego de longa duração, subemprego e de trabalhadores pobres. Também é necessário um reequilíbrio nos esforços reformistas. Em particular, a reforma do sistema financeiro precisa de assegurar que os bancos cumpram o seu papel de canalizar recursos para a economia real e para o investimento na expansão de empresas sustentáveis e criação de emprego.

A curto prazo, há margem de manobra para políticas macroeconómicas em muitos países. Isso deve ser usado para evitar um maior enfraquecimento da economia global. Um maior declínio nos preços das mercadorias

EMBARGO:

Não publicar nem distribuir antes das 21 00 GMT(22 00 CET) do dia 19, terça-feira, janeiro de 2016

(*commodities*) é suscetível de agravar a situação orçamental entre os maiores exportadores de mercadorias (*commodities*) mas como este relatório demonstra, os cortes na despesa em grande escala por parte destas economias teria repercussões globais negativas, agravando, assim, as perspectivas do mercado de trabalho dos seus próprios países e de também de outros. Tendo em conta as taxas de juro historicamente baixas, os países poderiam financiar projetos de infraestrutura necessários sem um grande encargo para o erário público, com efeitos multiplicadores importantes.

A médio e a longo prazo, atingir os objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS), particularmente o emprego digno e produtivo para todos, trará dividendos sociais significativos, contribuindo ao mesmo tempo para o fortalecimento e reequilíbrio da economia global. A este respeito será especialmente necessário um esforço concertado para combater a desigualdade através de mais e melhores empregos.

Em suma, fazer do trabalho digno um pilar central da estratégia política aliviaria não apenas a crise do emprego, mas também contribuiria para colocar a economia mundial num caminho melhor e mais sustentável de crescimento económico.